

O SEMANARIO.

ORGÃO DOS INTERESSES PUBLICOS

Por semestre 50000.

EDITOR A. J. DO AMARAL SOBREIRA

Por trimestre 35000

ANNO VIII

THEREZINA 2 DE JUNHO DE 1883

N. 302

O SEMANARIO

Theresina, 2 de Junho de 1883.

● Espiritismo.

Sob esta epigraphe publicou a «Philomela», em seu n.º 7.º um bem elaborado artigo que não merece ser desprezado por todo aquell que aspira o conhecimento da verdade e a consolidação de suas crenças. O articulista com linguagem segura e bem deduzida fundamenta sua argumentação em textos das sagradas Escripuras, o melhor criterio para affirmação da intelligente resolução dos que não transigem com o negocio da eterna salvação, o mais importante da vida, o unico que verdadeiramente nos deve interessar.

O Espiritismo é um extravagante legado do Paganismo. Nos tempos q' cor em parece ser a obra mais perfeita de Satanaz: é um grande mal social, altamente demoralizador, e não podi deixar de ser fulminado pela Igreja sempre vigilante na luta do bem contra o mal, da virtude contra o vicio, da verdade contra o erro, do verdadeiro contra o falso.

Mas, philosophemos o caso.

Ou o Espiritismo tem var. gens. reaes, e então deve ser admittido, ou é simplesmente inutil, e deve ser reprovado e repellido; si vantajoso bom que se prove, si inutil, ah!y tendo o axioma — «*Si inutile est quod facimus stulta est gloria.*»

Sustentamos as idéas manifestadas pela redacção da — «Philomela» que exhibe-se com tanta segurança e firmeza, na sustentação da verdade.

Recaba ella os nossos parabens, e permita, façamos nossos as suas palavras.

Em testemunho do apreço, que damos ao fructo do seu trabalho transcrevemos o artigo á que alludimos. E' este.

● espiritismo.

Depois de ter dado a volta do mundo no espaço de 30 annos, o espiritismo moderno chegou finalmente a esta remota e desconhecida cidade. Por ora ainda não fez estrigas no seio da população credula, mas talvez já tenha marcado suas victimas.

Antigamente as ceremonias d'este culto abominavel se fazião de noite, em antros profundos, longe das vistas profanas; hoje é nos theatros, nos salões elegantes, nas reuniões familiares que os espiritos advinhos e turbulentos veem revelar aos vivos o segredo dos mortos.

Entre nós as seccões já com garção á trabalhar activamente, seduzindo a velhos e moços, mulheres e creanças, a todos infundindo o gosto das communicações sobrenaturaes. A julgar pelo numero actual dos adeptos e pela virtude expansiva do mal, pode se crer q' em breve haverá em cada habitante de Therezina um espiritista.

Se assim, acontecer appellemos para a assemblea provincial, que está prestes á reunir-se e lhe pegamos que faça, como outrora se fez em Alexandria relativamente aos astrologos, isto é, estabeleça o imposto dos doudos para que cada espiritista seja obrigado a pagar certa quantia á provincia. D'este modo acreditamos que o numero dos fanaticos diminuirá.

Não se pense, todavia, que negamos inteiramente os phenomenos do espiritismo.

A' par de muita velhacaria e muita impostura anda, de certo, muita verdade, que exprime uma espantosa realidade: não se resiste ao testemunho da historia, ás lições da experiencia.

O espiritismo faz parte da magia negra de que usavão os pagãos antes de Christo e ainda hoje usão, no seculo das luzes, não poucos prestigitadores, verdadeiros pitões na frase da Escripura. E' uma especie da necromancia antiga tão celebrada nos fastos do polythysmo e sempre condemnada pelos livros santos e pela Igreja.

A moderna arte de conversar com os habitantes d'alem tumulo apenas trouxe de novo mudanças accidentaes na forma das invocações e no processo das evocações: — a substancia é a mesma das superstições congengeres do paganismo.

Os prodigios dos magicos de Pharaó, em luta com Moyses, cujos milagres imitarão em parte; os de Simão, o magico, em luta com S. Pedro, que o fez cahir dos ares e quebrar as pernas, segundo Fleury; os do ceibre Appollonio Theano, que percorreu quinhentas leguas entre o meio-dia e a tarde para livrar-se das iras de Domiciano, cuja morte assistio no Ocidente, estando no Oriente — e tantas outras maravilhas que se encontram na theurgia dos neoplatonicos, não se parecem muito com as representações de Hume e Bort na Europa de nossos dias? E todas essas operações magicas, ac ma da natureza, não são em todo semelhantes aos factos do espiritismo, que são d'ellas a contrafacção?

Ninguem creia que as almas dos mortos, que descação na paz do Senhor, venhão a este mundo subllunar satisfazer a curiosidade dos vivos e com elles entreter um commercio reprovado pelo proprio Deus.

Na parabolha do rico avarento, que se lê no Evangelho de S. Lucas, e que antes é uma historia veridica, segundo o parecer de sabios interpretes, Jesus-Christo deixa ver que ninguem tem o poder de acordar do sono eterno e chamar á convivencia dos homens aquelles que a Justiça Divina collocou no lugar onde estarão por toda a eternidade. Entre os vivos e os mortos ha um abysmo que os separa — *caelos magnum firmatum est.*

Se Samuel cedeu á evocação da pythonissa de Endor, e apresentou-se a

Saul, foi isto por uma expressa autorisação de Deus, que quiz castigar o monarcha de Israel, ordenando que o santo propheta se erguesse do tumulo para annunciar a morte do tyranno e o fim do seu reinado.

Mis, a não ser para os altos fins de sua soberania infinita, Deus não consente outra forma de communicação entre os espiritos senão a quella que a Igreja reconhe no symbolo dos Apostolos.

Deus não faz milagres, tendo em vista interesses terrenos, e longe de acceder aos desejos dos impios que só acreditarião na sua omnipotencia se vissem um prodigio, Elle manda que sigam a lei e os prophetas. — S. Luc. cap. 16 v. v. 29 e 31.

Não, é, por tanto, pela intervenção divina que explica-se o espiritismo, como tambem não se chega a este resultado pelas leis phisicas e psicologicas, cujas forças elle excede, empregando meios, que não estão em relação com o fim desejado.

As visões do somnambulismo, que accusa um estado anormal do espirito, a lucidez magnetica elevada ao 3.º grão, o fluido electrico que cada pessoa traz em si, a sensibilidade do systema ganglionari, a excitação morbida das faculdades da alma, nada disto dá sufficiente razão dos factos constantemente observados nos sessões espiritas. Os meios da nova seita não mascão o lauro narcotico, como as sacerdotisas de Appollo para, em m'donhas convulções, profetizam da tripode sagrada os oraculos do deus falso. Não se transportão as regiões celestes, como fazião os psphetas da antiga alliança, elevados pelo braço do Deus verdadeiro.

Os nossos medios não sentem a menor inspiração, conservão a integridade de suas faculdades, a consciencia de seus actos, a tranquillidade de seu espirito, faltando-lhes apenas o bom senso. Elles estão alli como autômitos, ou antes como instrumentos de uma força ingente e occulta que os constrange a responder por palavras ou por escritos a perguntas que não ouvirão. E qual será esta força? Em vista da que fica dito, outra não pode ser senão a dos anjos máos.

Não somos nós que reconhecemos no demônio este poder formidavel sobre as creaturas. E' S. Paulo quando na sua Epist. aos Efesios lhes recommenda que se revistão da armadura de Deus contra os espiritos de malicia espathados por estes ares — *contra spiritualia nequitia in caelestibus.* E' S. Pedro quando na sua Epist. aos Juheus convertidos lhes recommenda que sejam sobrios e vigilantes contra o diabo, que anda ao darredor dos homens como um leão que ruga, buscando a quem possa tragar — *diabulus tanquam leo-rugiens circuit, quereus quem devoret.* E' o proprio Jesus Christo que chamou o demonio príu-

cipe deste mundo — *princips mundi hujus.*

Quanto ao espiritismo e a outras especies da arte magica, a Biblia, as decisões conciliares, as Ecylicas dos papas e a doutrina dos Padres da Igreja contem formaes condemnações que a estreiteza da nossa folha não permite citar.

Dizem que as invocações espiritas se fazem directamente a Deus e consequentemente excluem toda e qualquer intervenção maligna. Mis S. Paulo ja havia respondido a isto perto de dois mil annos atrás, quando nos advertiu de que o anjo das trevas, afim de seluzir os homens, converte-se as vezes em anjos de luz. Nos Actos dos Apostolos lê-se que indo S. Paulo e Silas á oração por diversas vezes, uma pythonissa os acompanhava, gritando: — estes homens são servos do Deus Excelso que vos annuncião o caminho da salvação — até que S. Paulo, indignando-se, ordenou que o espirito imundo salisse do corpo daquela mulher.

Eisahi como a influencia demoniaca manifesta se com apparencias de religião e piedade.

Siga o espiritismo quem quizer, mas lembrem-se tolos q' grand's desordens e perturbações funestas o individuo e a familia acompanhão por toda parte este culto supersticioso; causando desgraças que todos os dias os jornaes registião.

Camara Municipal.

Reunião ordinaria.

3.ª Sessão.

Presidencia do Sr. vereador Dr. Semplicio de Souza Mendes.

Secretario o Sr. Satyro José Pinto d'Oliveira.

Aos trinta dias do mez de abril de 1883, nesta cidade de Therezina do Piahy, e paço da Camara municipal, reunidos os Srs. Vereadores, Dr. Souza Mendes, Farias, Francisco Freire, Leão, Nonnato e Chaves abre-se e se sessão.

Lida é approvada a acta di antecedente. Presente um officio circular de Sua Exc. o Sr. Vice Presidente da provincia, de 13 do expirante, communicando haver na quella dacta assumido a administração da mesma, que lhe foi passada pelo Exm. Sr. Dr. Miguel Joaquim de Almeida e Castro, que retirou-se com licença. Archive-se.

Outro, de 14 do mesmo, declarando ter ficado sciende de haver esta corporação dado nesta data começo aos trabalhos de sua sessão ordinaria. Archive-se.

Outro, da mesma data, communicando ter nesta data ficado sciende de haver esta camara concedido a demissão que pedido de fiscal do municipio — Alfredo José de Souza. Archive-se.

Outro, de 19 do mesmo mez, approvando as arrematações das passagens dos portos publicos do Rio Puty e d'os dizimos de meunças deste municipio. Archive-se.

Outro, de 27 do referido mez, ordenando a esta camara que haja de dar-lhe minuciosas informações dentro do prazo de tres mezes a contar daquela data, respeito das minas de cobre e outros metaes, bem como de pedras preciosas nos valles dos rios Puty e Sambito e seus afluentes de uma e

outra margem, que banhão este municipio. Responda-se.

Outro, finalmente, de 28 do mesmo communicando que, de conformidade com o art. 14 do decreto n.º 3140 de 30 de Outubro do anno passado, nessa data naturalizou cidadão brasileiro o subdito portuguez, Joaquim Nunes Avaro, de 33 annos idade, casado e residente nesta capital ha mais de 15 annos, conforme o mesmo requerco. In-teirada.

Presente um requerimento de José Francisco da Costa pedindo relevação da multa que lhe impoz o fiscal, por ter tido para o consumo publico diversos cevados sem haver pago previamente o respectivo imposto. Indeferido.

N'este interim é recebido um officio de S. Exe. o Sr. vice-presidente da provincia, datado de hoje, accusando o recebimento do que lhe dirigio esta corporação, em 28 do expirante mez, respondendo os motivos pelos quaes deixou de reintegrar no lugar de seu porteiro e pregoeiro o cidadão Valentin José de Moraes, declarando a mesma, em resposta, que não procedem suas allegações, visto como seu acto pela qual deu provimento ao recurso interposto por aquelle funcionario, está em completo accordo com a clara e terminante disposição do art. 73 da lei de 1.º de Outubro de 1828, Avisos de 25 de Novembro de 1880, 3 de Fevereiro de 1832, 25 de Janeiro de 1868 e 22 de Fevereiro de 1872, cumprindo ponderar que não pode esta camara constituir-se em juiz para decidir sobre a legalidade dos actos da presidencia: portanto ordena, que sob pena de immediata responsabilidade, cumpra sem perda de tempo a ordem que lhe transmittio no citado officio de 24 deste mez.

Não se achando presente tres dos verdadeiros que tomarão parte na deliberação de 28 do corrente para qual a camara respondeu a S. Exe. não pôde assentir na reintegração do porteiro e pregoeiro Valentin José de Moraes, resolveu a camara convocar aquelles verdadeiros a fim de dar sua decisão com calma, e auoencia de todos.

Nada mais havendo a tratar o Sr. presidente levanta a sessão e para constar, eu Satyro José Pinto d'Oliveira, secretario da camara lavrei a presente acta.

Dr. Simplicio de Souza Mendes.
Raimundo Antonio de Farias.
Francisco Antonio Freire,
Manoel José Moreira Leão,
Raimundo Nonato da Cunha,
Antonio das Neves Chaves.

SECÇÃO LIVRE

Dr. Coelho Rodrigues e sua nova aggressão.

(Continuação do n.º 301.)

Bem dizem os notulos que o espinho que tem de picar de pequenino traz a ponta. O Dr. Coelho Rodrigues, se não nasceu já phariseu, adoptou, é certissimo, as formulas vãs e as tradições pharisaicas com as primeiras noções da vida social:

No Paulista torcia o cós da coronilla, prendendo cobras á ordem do Sr. São Bento.

Em Pernambuco divertia-se com Pigault Lebrun á sombra da piedade christã.

No Rio de Janeiro farejava riquezas, protestando debater-se num um oceano de amores.

No Piahy recommenda-se como o unico á desvelar-se por sua terra natal, tendo ja se aliado em terra estranha—como o unico á cuidar na prosperidade da familia, ao passo que desespera-se por abater um de seus membros—como o unico á trabalhar pela independência de seus patricios no proprio momento em que se lastima de ja não haver-os abandonado á influencias lenginguas, e se mostra resolutio á fazel-o.

Em tudo, finalmente, e por toda a parte, sendo sempre o mesmo fementido—estouvado, sempre á pretender estima, honras e glórias que em justiça só poderiam ser conferidas á uma personalidade de predicados oppositos.

E agora admira-se de ter sido *mal-sinado como inimigo da Religião por um beato*—de espada que nunca habitou convento nem ensaiou momices de carola, para meadigar a sôpa ou a sombra dos pobres de São Francisco.—e diz que foi atacado de *im-proviso*, quando de ha muito já o haviam denunciado á voz publica em dous jornaes da Provincia!—e acrescenta que o foi *secretamente*, tendo eu dirigido-me á respeito em primeiro lugar ao seu cumbado, capitão José Clementino, depois á seus primos, coronéis Clementino e Manoel Clementino, e em seguida provocado-o francamente por minha carta politica!

Ah Tartufo! e proprio Caephas te invejaria a pharisaica manha!!

—Meus Deus, vendo este exegeta presumido truncar é subverter o sentido das Escripturas para dar vida a letra que mata e matar o espirito que dá a vida, chego quasi á dizer, como certo escriptor com referencia a Ganganelli: «ah burro! para, que a verdade não vae por ali!»

Quem é que disse ao Dr. Coelho que o homem em quem se encarna a infallibilidade da Igreja catholica é *infallivel*—o homem? Ninguém que saiba que cousa é homem e infallibilidade Pontificia.

E é porque o sabio doutor não sabe estas cousas, ou satanicamente finge ignorar-as que não trepida em collocar-se á par dos cynicos, levantando sobre ellas questões e meospresandolas, como se não fossem já sancionadas pelo bom senso, pela tradição christã e pela auctoridade de um Concilio ecumenico.

Na verdade o cardeal Pecci, qual quer que fosse o seu nome, Leão XIII, qualquer que seja o desenvolvimento de sua intelligencia, poderá, como o Dr. Coelho e eu, errar em materia de puro conhecimento humano; mas nenhum Papa poderá mais ser *orthodoxamente* accusado de erro em materia de doutrina—*ex cathedra*.

Porque, como bem cita o pretencioso interprete das sagradas Escripturas, *a nossa fé deve ser na virtude de de Deus e não na sabedoria dos homens*.

E Deus prometteu a Pedro a sua assistencia até a consumação dos seculos.

E na virtude e não nas palavras que o reino de Deus consiste, muito bem ainda disse o Dr. Coelho, por conta de São Paulo; e a virtude, acrescento eu, não consiste em negar dogmas da Igreja, nem em apregoar doutrinas contrarias ao seu espirito—em ser hereje, revoltoso, e por es carnea ostentar-se catholica submisso.

Se é verdade que o reino de Deus consiste na virtude, menos verdade não é que elle é paz, alegria e justiça. Ora a paz só é promettida aos humildes de coração; e o Dr. é tão soberbo que se atreve a julgar o Papa em doutrina e á recusar-lhe obediencia.

A *alegria* só é promettida a boa consciencia; e uma consciencia sem escrúpulos, que não reconhece dogma moral, é por força «mais inconstante q' o mar, mais ligeira q' o vento»—não pode ser boa. A *justiça* só é promettida á fé do coração, e o coração do Dr. duvida das penas do inferno, denunciadas por Christo, duvida da infallibilidade, definida por um Concilio ecumenico, e leva-o á bradar: *não ha inferno, mais infallivel que o Papa sou eu!*

Como está longe da verdade catholica o Dr. Coelho Rodrigues, por suas proprias palavras! Ellas que o julguem, não o julgarei eu.

Não duvido que o exemplo da virtude fosse mais necessario ao chefe da Igreja do que a auctoridade da palavra—nesta parte estamos d'accordo—mas não se trata da salvação pessoal do Papa e sim da salvação da Igreja, que elle representa, e eu duvido que a Igreja possa subsistir um só momento sem a auctoridade da palavra de seu chefe, ao passo que com certeza vive e hade viver sem as virtudes do mesmo, ou quaesquer que sejam os seus vicios.

A impecabilidade no homem degradado pelo peccado original nunca foi promettida aos successores de S. Pedro.

A *fé mais pura, ainda que seja capaz de mudar montes, de nada serve sem a caridade*—para o proprio individuo q' a professa—concordo. Se a verdade pôde em alguma circumstancia desacreditar-se, será somente para com aquelles que forem incapazes de pratical-a—ainda q' seja *apregoadá pela boca do vicioso*,—concordo tambem.

E tanto é assim que Jesus disse: «Escribas e phariseus se assentarão sobre a cadeira de Moyses. Fazei o que elles dizem, mas não fazei o que elles fazem».

São Paulo, confessando a sua peccabilidade, ao passo que assumia corajosamente as prerogativas que lhe eram garantidas pela *infallibilidade da palavra evangelisadora*, pôe ainda em maior relevo esta grande verdade—que a humana fragilidade não pode obstar o exercicio da Omnipotencia divina. De sorte que um homem vicioso pôde ser um Papa infallivel; por que a bossa fé deve ser na sabedoria e na virtude de Deus e não na intelligencia ou vontade do homem.

Quando vemos Jesus, o Apostolo das gentes e os mais abalisados theologos desprezarem a peccabilidade do homem para recommendarem a auctoridade divina da cadeira doutrinal que Moyses passou ao chefe da Igreja catholica, quando isto vemos é que o Dr. Coelho Rodrigues vem ensinar-nos que o exemplo da virtude seria mais necessario a este chefe do que a auctoridade da palavra, como se disto se tratasse!

Pobre alienado!
Um tal sabichão realmente só poderá entender-se com o sabio e consciencioso confessor que o absolveu no tribunal da penitencia. Tem muita razão de só querer discutir com sabios e santos d'esta ordem: *os formigos tambem sabem as folhas que comem*.

O Sr. Dr. Coelho nunca leu textº positivo do Evangelho que lhe recommendasse a creença na infallibilidade do Papa, e acha que o novo dogma está alem das Escripturas.

Com effeito! Pois é possivel que S. S., lente de uma facultade onde ensina-se o direito ecclesiastico, nunca tivesse lido o cap. 16 vv 18 e 19 de S. Matheus, o cap. 22 vv 31 e 32 de S. Lucas, o cap. 21 vv 15, 16 e 17 de S. João?

Não sei se a critica me levará á mal que eu n'este ponto distraia a attenção do leitor chamando-a á seguinte passagem de Bernardes:

«Outra vez recolhendo-se (o 4.º Duque de Bragança), já perto da noite, do campo de Veiros, onde tinha an-

dado á caça, ovio gemer um homem ao pé de uma arvore; e mandando que lh'o trouxessem á sua presença, lhe perguntou quem era e porque gemia.

—«Sou, disse elle, um homem pobre que vivo n'estes campos e vinha esperar o Duque, porque me disseram que era facil em soccorrer os necessitados.

—«Aparae no chapeo, disse logo o Duque.

«E tirou uma bolsa grande, que trazia pendente na cinta para semelhantes occasões; e lançando-lhe dentro uma mancheia de dinheiro, perguntou:

—«Queres mais?
«Calou o pobre, e o Duque lançou segunda mancheia de dinheiro, torvando á perguntar:

—«Queres mais?
«Tornou o pobre a calar-se, e vasou o Duque á bolsa, mas não o coração da vontade de dar.

«E repetiu a pergunta:
—«Queres mais?

«E ouvindo a mesma resposta, que era não responder, chamou um criado, que lhe costumava trazer estes soccorros, e foi lançando até que ia enchendo a copa do chapéo; e então o pobre, mais por vergonha que por vontade (ao que se deixa entender,) lisse:

—«Basta, não quero mais.
«E o Duque sorrindo se disse:
—«Graças sejam dadas á Deus, que vos fartei de dinheiro!

«E mandou a outro crealo á cavallo que o levasse seguro á Veiros, por ser já noite.

«Este foi o cogulo da medula que o pobre não advertia ser-lhe necessario, porque lhe não succedesse perder de uma vez em algumas mãos roubadouras o que adquerira por tantas de outras mãos liberaes»

Assim eu, tendo em vista a obstinação de Sr. Dr. Coelho, posso perguntar-lhe:

Ainda quer mais textos do que os apontados? E se me responder que não, dir-lhe-hei por milia vês:

Graças sejam dadas á Deus que vos fartei de citações do Evangelho; e depois d'isto mandal-o-hei á *tabua* com as precisas seguranças, a fim de q' a simplicidade de algum tólo não lhe venha roubar o cabedal de sabedoria engarrada.

Mas S. S. só cre n'aquillo que pode, e como não pode crer na infallibilidade do Papa, conclue que ella não existe. Dá-e desparate equal?

—Se o homem fosse livre para só crer n'aquillo de que pode convencer-se, ou que pôde sua razão alcançar, Christo teria sido injusto, condemnando os incredulos; e os anatemas da Igreja contra os herejes seriam a ex ressaõ da mais clamorosa injustiça.

Entretanto Christo não pode ser injusto, nem pôde a Igreja ser inculpada de algum acto de iniquidade—sendo Christo Deus e a Igreja a significação de sua vontade sobre a terra.

Se Christo e a sua Igreja não têm o direito de impor aos homens a creença de uma verdade, donde se poderá achar a razão dos dogmas?—Aonde poderia a Igreja achar garantia para a sua *unidade*, sem esse poder supremo e *ipso facto infallivel* contra o qual debalde tem recalcitrado em diferentes epochas o orgulho da humana razão?

Eu noto nos Evangelhos que Christo nunca desceu á dar satisfação aos curiosos ridiculos que expulham duvida

sobre "materia dogmatica, como querendo sombriar pelas exuberancias do orgulho o resplandor da eterna verdade,—apenas permittia-lhes q' se retirassem escandalizados. O mesmo fez a Igreja para com Lutero e Calvino, o mesmo está fazendo relativamente a Dœllinger e Jacintho. E ambos—Christo e a Igreja—proseguirão no seu caminho, deixando que esses duvidosos pedantes ou cegos voluntarios desapparecessem debaixo das ruinas de Jerusalem, fulmiada pela ira de Deus, ou se anniquillassem ao peso da publica execração.

O que estamos vendo dos velhos catholicos, já succederá á Lutero, Calvino, Zuínglio e á suas honrosas adherencias; e se o Dr. Coêlho á essas penas pôder escapar será somente como privilegiado pelos seus confessores.

—Por mais que eu não queira discutir com *este sabio* das *Esçripturas*, não posso resistir á violencia dos seus disparates.

A heresia, diz elle, é um erro voluntario e obstinado contra um dogma. Logo: se a infallibilidade é um dogma, elle é hereje; se em moral ha dogma, elle é hereje; se ha inferno, elle é hereje—porque tem se manifestado obstinada e voluntariamente contra essas verdades juradas pela fé catholica.

Não crendo na infallibilidade pontificia, antes da sua definição dogmatica, podia o Sr. Dr. Coêlho escapar a pecha de hereje, escudado na sua ignorancia. Depois da definição é que não pôde, porque então o seu erro, tornando-se voluntario e obstinado, o compromette aos olhos da Igreja.

No tempo em que S.S. aprenderam a doutrina christã, que ainda hoje parece ignorar, já os summos pontifices gozavam o dom da inerrancia a elles concedido pelo proprio Jesus Christo, não tendo o Concilio ecumenico do Vaticano feito outra coisa mais do que proclamar uma verdade anteriormente existente. E se esse dom so n'este seculo foi elevado a cathgoria de dogma, não é menos verdade que era objecto de creença universal d'esde os primeiros seculos do Christianismo.

Não se confunda o dogma da infallibilidade, tão antigo como o Christianismo, com a sua definição ou promulgação recente. E aqui cumpre observar que so o Sr. Dr. Coêlho não vai alem dos gatlcanos e cê na infallibilidade da Igreja, mostra-se inconsequente, senão incomprehensivel, quando nega a infallibilidade do Papa, decretada e promulgada pela Igreja infallivel no Concilio do Vaticano.

Entende o tal mestre da Divindade q' a Igreja só podia definir verdades, em quanto elle ignorava a doutrina christã; e porque ella não admittiu este limite á suas attribuições, elle pulou fóra, eximiu-se do seu gremio! Que lhe faça bom proveito; mas que não se agaste tanto com quem o trata pelos seus legitimos titulos—*hereje, schismatico, livre pensador*. Porque, assim como o Dr. sabe que pelo caso que se faz a pergunta, por este mesmo se deve dar a resposta, tambem deve saber que o nome é uma voz com que se dão a conhecer as cousas.

So o candidato Dr. só se julga obrigado á reconhecer verdades religiosas que tenham sido definidas, antes que lhe chegasse ás mãos a primeira cartilha do Padre Ignacio, e partindo d'este principio caprichoso, regeita os dogmas moraes, forçoso é pensar-se que pela

virtude de algum elixir maravilhoso elle tenha talvez espichado o espirito até o ponto de levá-lo á escutar com os pastores os hozannas de Betlem e á gosar no Templo—da ventura por que tanto suspirava o velho Semeão.

Quem sabe se elle não se julga um Elias em missão de reformar o mundo religioso ou por ventura algum Cagliostro a quem o pae de mentiras haja encarregado de baralhar entre nós as crencas religiosas, os principios politicos, as ideas philosophicas e os mais delicados sentimentos do coração, de modo que, por fim de contas, tudo isto viesse á fundir-se na lama e no ôdo de algum carnaval?

Quem sabe?!... Quem sabe se o bonito cometa q' ainda ha pouco prendeu a geral expectação, não era uma estrella de Magos q' vinha convidarromeiros a corte encantada que rodeia o novo Messias na comiada de seu Sinae pittoresco?!

—Não sou eu quem fecha ao Dr. Coelho Rodrigues o Reino dos Ceus. Se este lhe está fechado é por sua propria apostazia; e esta apostazia não consiste (está bem visto) nas futilidades ridiculas com que o bom homem pretende apparentar innocencia—*sim no erro obstinado e voluntario* contra mais de um dogma da Igreja catholica.

E sendo isto assim, como na verdade é, a que proposito enche elle tres columnas da «Epoca» com hypocritas lamentações, todas contra-productentes? A que proposito tantas citações indigestas, tantos textos cavalgados, interpretações esdruxulas e estas confrontações de factos inteiramente dissimilhanes—tudo á falsa fé? Para o que estas cousas tão feitas, indignas de um homem que ama a verdade?

Porventura S. Pedro e S. Thomé davidaram algum dia de dogmas definidos pela Igreja? A pleiade de Bispos illustrados que se oppoz no Concilio do Vaticano á definição do dogma da infallibilidade por ventura deixou de acreditar n'ella depois que a Igreja fallou pela boca do Concilio? E todos os Bispos não juraram sobre este dogma? Qual foi d'elles que deixou de fazê-lo e continuou á ser Bispo?

Realmente me parece que nem a paciencia de um Santo poderia manter-se inalteravel, vendo o Dr. Coêlho Rodrigues collocar-se á par dos Apostolos e d'estes Bispos, quando entre catholicos não pôde achar correligionario. Muito mais bonito seria que, desprezando estes subterfugios, elle imitasse a coragem dos heresiarchas—seus predecessores—e que tendo assumido o papel de algoz, agora não se disfarçasse para merecer as sympathias de victima immaculada.

O arrojado d'esse homem obstinado chegou ao ponto de descobrir argumento contra a infallibilidade papal nas palavras de S. Paulo profetizadas com referencia a S. Pedro na Epist. aos Gal cap. 2 vv 6 á 21—e de dizer que o *secundum sapientiam sibi data* n de S. Pedro com referencia a S. Paulo é contraproducente, isto é, prova tambem contra o ensino infallivel do pontifice romano.

Que interprete e que theologo! Não ha quem ignore que a controversia havida entre S. Pedro e S. Paulo ácerca das observancias legais era toda de oportunidade e conveniencia, e não de fé, segundo notam os historiadores da Igreja. S.

Pedro commettera uma ligeira falta devida á bondade de seu coração e não ao desvio de sua intelligencia, pois elle mesmo pouco antes, no Concilio de Jerusalem, havia decidido que não se devia impor aos gentios o jugo da lei antiga; e tão certo é que S. Paulo não levou a questão a altura de um dogma, que elle proprio mais tarde observou as cerecencias judaicas, circumcidiando a Themoteo, seu discipulo. O que é certo é que só depois da ruina de Jerusalem, a lei de Moysês foi absolutamente interdita aos christãos.

Da passagem notarei que eu não attribui á S. Paulo com referencia á S. Pedro o—*secundum sapientiam sibi datam*,—pois eu sabia que estas palavras estavam na Epist. do segundo. O que fiz foi applicar á S. Pedro as palavras q' elle applicou a S. Paulo, e o podia fazer, attendendo q' ambos erão infallivels, sendo de mais a mais S. Pedro principe dos Apostolos. Desafio o Sr. Dr. Coêlho a que mostre em minha Resposta cousa diferente.

Esta desgraçado prurido de dar quinão bem cá e tem custado a S. S.: sempre a buscar lá e sempre á sabir losqueado. (1)

—Nunca recebi do Dr. Coêlho Rodrigues conselho ou lição sobre religião; e se esta summidade carnavalesca affirma o contrario—mente.

Fiz-lhe encomenda de um livro que nas livrarias do Rio de Janeiro não se encontrava—*a Imitação de Christo* com os Evangelhos em latim. Elle m' o levou de Pernambuco e não quiz receber dinheiro. E se agora diz que foi elle quem m'o metteu nas mãos, porque eu lhe parecia ter pouca fé—mente ainda, porque a razão foi uma encomenda minha.

O Dr. Coêlho Rodrigues, querendo abonar perante seu primo, Dr. Helvidio de Aguir, o que elle em mim suppunha poder qualificar de bom senso, disse que o illustre Sr. Dr. Gomes de Castro fazia de mim esse mesmo vantajoso juizo.

Estando o Dr. Castro, em materia de senso, á perder de vistas do meu estouvado primo, muito folgo de que este me repete um louco, em quanto aquelle me acha sensato.

Quando teria fallado verdade o Dr. Coêlho?

O que poderia eu dizer do meu caricato censor, se fosse a considerar os seus arrufos a *mademoiselle*, os seus arrebatamentos de pólo enfiado, que faziam a rizota continua da nossa pequena sociedade da rua do Conde? Quanto não deve elle ao fino e corrido espirito de certo amigo, incançavel em applicar-lhe o *ridendo castigat*?!

Oh! se tal não fóra... ainda assim seria hirsuto, pois a despeito de tudo ainda é o que é!...

—E' verdade que conheci o Dr. Coêlho Rodrigues ha perto de 30 annos, tal qual o descrevi na minha Resposta—desde que tinha quatro palmos de altura, até que se fez a fama e o ronco d'estes sertões. Era tal qual o pintei; tal qual lhe vou retocando a figura.

Todavia é certo que á seu respeito observei com effusão de sentimentos o conselho de S. Paulo, que nos manda *fazer por viver bem e em paz com todos*. De mais, muita gente dizia que o Dr. Coêlho não era mais

(1) Haja vista o desgraçado fiasco que elle fez na questão dos creados de Caiphaz com o «Liberal Piauihyense.»

o Antoninho, que tinha mudado. (Poreu qual? Os annexos populares são de um alcance quasi infinito; nasceo espirito, morcerá ficção.)

A educação pôde-lhe a forma e amenisou-lhe a carranca, mas não lhe commoveu uma só fibra de consciência. Todavia, repito, é verdade que eu fui para elle um amigo leal.

—Não me admira que o Dr. Coêlho tenha observado que a honra do fiasco não foi completa. Por isto eu já esperava. Entretanto a culpa não é minha, sim, se culpa ha, do amigo que reviu as provas typographicas e que achou melhor redizer uma historia tão comprida, á qual só *coelhos muy pequeninos* poderiam ligar importancia. Para provar-lhe o peço á este amigo que apresente o autographo á quem queira verificar a verdade d'esta asserção, e poderia invocar o testemunho de pessoas insuspeitas, diante das queres protestei que semelhante omissão daria lugar a que esse homem tão serio voltasse ainda á este negocio de que se convergneria qualquer mulher de vida alegre.

Hoje o respeito que lhe mereca a familia o obriga á passar em silencio sobre o que elle chama falsidades minhas. Já não se lembra de que foi elle mesmo quem, cedendo aos impulsos de seu genio mesquinho, me provocou á estas explicações—de certo porque faltava-lhe, então, educação ou porque queria fazer de mim bom mercado.

Partidas de leão, paradas de sen-deiro!

—Não é verdade que eu houvesse tido pretensão alguma de casamento em Pernambuco.

A prova é que de quantos piauihyenses conviveram comigo n'aquella provincia o Dr. Coêlho é o unico á dizer semelhante cousa.

E' igualmente falso que eu tivesse pensado se quer em *privilegio para matar aves de bico revolto ou formar companhia para matar onças*.

Se de taes assumptos tratei algum dia foi por entretenimento com amigos de minha intimidade sem ter em vista a prosperidade da nossa industria.

Quanto a essa anedocta de princesa—que se refere a minha vida de estudante,—faz dô e ao mesmo tempo causa riso ver hoje o grave e carrancudo Dr. tomando ao serio um gracêjo de rapaz; e se fiz mal em expandir-me no seio da amizade foi somente por ter demasiadamente confiado no bom senso e discrição de um homem, que já n'aquelle tempo não tinha nem uma nem outra cousa.

—Publique o meu detractor a minha carta reservada sobre o coronel Manoel Ignacio, certo de que ninguem lhe estranhará mais a indignidade do procedimento: é *moda velha*. Não será isto melhor do que viver tecendo mexericos?

Mas... não: elle precisa d'essas coustias, para ir cevando o seu genio creader.

Estou bem convencido de ainda ter a minuta d'essa carta; e se poder encontrar-a, heide de apresental-a ao publico.

Quero ter o gosto de esgotar este repertorio de historietas.

Seria bom que o Dr. publicasse uma outra carta que em tempo dirigiu-lhe o mesmo coronel, e que em bons termos bem se poderia chamar uma solemn descompostura.

Assim ficaria tudo bem explicado com o seguinte additamento:—que

essa *descompostura* é um protesto irrecusavel contra a presumpção de haver o illustre finado supportado máo tratamento e grosserias do Dr. Coelho até porque é sabido que o mesmo Dr., muito ao contrario, fez o officio de anjo de paz entre elle e um outro amigo, dispensando-lhe attentões, &c.

—Reflectindo sobre esses typos que se abalroam nos caminhos da fortuna para irem acotovelar-se no vestíbulo do poder, eu disse: «Os illam entre as orbitas de duas paixões igualmente ignobis— a baixaza e a arrogancia.

«Procuram arrebatat por ameaças o que não poderam conseguir por adulação, e, quando tudo lhes falla, corram o fio de suas urdiduras com unhas de gato e fazem como os bixinhos de concha ao presentirem rumor. Depois... vão se escorregando de mansinho, evitando as asperezas que irritaram, e sem perderem de vista o encantado vélo de ouro, empunham um theribulo e n'elle queimam em honra dos grandes que lhes p'rrmittem esperar a gosma de suas nojentas excreções, atirando as cinzas sobre os pequenos q' tiveram a simplicidade de ainda admirar-lhes a des'reza».

Não ha duvida, photographei o Dr. Coelho Rodrigues nestas palavrinhas que abi ficam de minha *Carta-Politica*. E quem duvidar tenha a bondade de attender:

1.º Ao que elle já disse do Srs. Drs. Simplicio Mendes, tenente-coronel Odorico e major Gentil, e confronte com a epopéa em que faz hoje sobresahir os seus merecimentos:

2.º Ao que elle já fez ao Srs. coronel Manoel Modesto e tenente-coronel Norberto, e confronte este procedimento com os termos em que hoje lhes dá satisfação:

3.º A' arrogancia com que elle já se dirigiu em certo tempo ao coronel Manoel Ignacio, e confronte com os lamentos de carpideira que hoje vemol-o dispendir de labios melifluos:

4.º A's offensas que já tem feito aos membros mais salientes das familias Martins, Coelho, Mendes, Araujo Costa, e Carvalho, e confronte com os meneios e agachadas em que hoje exercita a maleabilidade do seu caracter, querendo á todo custo fascinalas pela sua idolatrada pretensão de representar todos esses ramos da arvore genealogica, sobre q' intenta aninhar o seu despotismo embryonario:

5.º Aos arrufos que o incompatibilizavam com os ministros de Estado, e confronte com a *bonhomia* que h'jo leva á offerecer-nos em refens, ou como garantes de sua bõa fortuna, os Srs. Castro, Paulino e Figueira.

6.º A's suas pretensões de encaixar-se por algum districto de Pernambuco, e confronte com os seus protestos de *ser sempre de cá, e de conservar o Piahy dos Piahyenses*.

E remontando mais um pouco ao passado, attenta:

7.º A's explicações que, por imposição de Leonardo, elle deu, *ex abundantia*, no «Diario da Pernambuco» á bõa gente de côr negra, e confronte com os seus escrupulos de só querer tratar com *gente limpa*:

8.º A's apparencias de devoção que mascaravam a sua hypocrisia, e confronte com as heresias que hoje o expellem do seio da Igreja.

Attenta á tudo isto quem ainda duvida da *capacidade* do Dr. Coelho Rodrigues, faça todos esses con-

frontos e decida se a *fama, o ronco d'estes sertões* é ou não tal qual eu o tenho defenido—um ente multicolor.

Todas essas cousas com que elle recebeu as columnas da «Epoca», são, como se vê, falsidades ou destemperos, arrebatamentos ou humilhações— o orgulho no apogé da arrogancia, ou a cobardia no abysmo da baixaza.

De tal homem que me importa o juizo, se de ha muito todos o conhecem? O «Liberal Piahyense» o define assim:

«O lugar das meliocridades, por mais que o não queiram, não é senão a cauda dos partidos, á cuja frente só conservam-se seguras as verdadeiras superioridades.

«Será o Dr. Coelho o *super omnia* do partido conservador?

«De certo elle pensa assim, mas a lente do observador imparcial e justo descobre logo o contrario, sem grande esforço.

«A vida politica d'este mancebo inexperto empanou-se mui cedo: hoje elle vae correndo insensato por enorme despêchadeiro, e porque não quiz contornear a montanha, hade cahir despedaçado na planicie. Agitado pelo calor das paixões, impellido pelas lufadas de um orgulho indomavel, elle vae em procura de novas chammas, onde arda e se estorça, á maneira da salamandra. Apesar de curta, sua vida politica reflecte já as cores do prisma solar; e d'alli, d'aquella fronte juvenil, mas enrugada pelo canção inglorio de uma luta teimosa contra o impossivel, brotam pensamentos teubrosos, contradictorios e excéntricos.

«Temperamento nervoso e demasiadamente irritavel, a menor contrariedade o desgosta e desanima a ponto de, n'esses momentos de máo humor, julgar-se fadado para a vida ociosa dos conventos, e não sabe d'esse estado de melancolia ridicula, senão para dar expulção ás concepções arrojadas de um cerebro enfermo, onde trabalha uma intelligencia viciada, mas atropellada pela boja da exaltação.

«Vaidoso em extremo, o Dr. Coelho perde todo seu tempo na contemplação beatifica de suas suppostas virtudes, e idolatra de si mesmo, prostrase ante a imagem d'ellas, quando em sonhos lhe apparece. Victima d'esta illusão fatal, elle, do alto do seu orgulho, julga que o mundo ouve-o admirado, como a uma sibylla na tripode sagrada, e recolhe no imo do coração as palavras suspeitas de sua bocca praguejante; e porque teve a fortuna de ver o seu partido subir ao poder ao tempo em que iavectiva a elle o conselheiro Paranaguá, acredita que se pode dizer á seu respeito o que Turgot disse de Franklin: *eripuit celo fulmen, sceptrumque tyrannis!*

«A inveja, companheira inseparavel da vaidade, aproveita-se da predisposição organica do improvisado *ayltador*, e assoberba e avassala aquella alma singular, onde ha muito mora o sordido egoismo; e o Dr. Coelho, que podia ser o Thesô do seu partido, que podia e devia livra-lo do Minotauro, despresa o fio de Ariadne, pelo qual chegaria ao labyrintho, e colloca-se na retaguarda dos seus marchando á reboque de quem lhe é som-nos.

«E' doloroso, mas é o justo castigo do espirito que perdeu seu primeiro b'nlho, e curvou-se submisso ás leis de conveniencias ephemeras,—é a sentença infallivel da opinião publica, que

inexoravel pronuncia-se contra quem deslocou sua cabeça da posição natural que Deus lhe deu, e foi assentada sobre a região do ventre, afim de sondar de mais perto e acudir mais promptamente as impertinentes exigencias de uma fome insaciavel.

«A inveja, repetimos, persegue ao Dr. Coelho de mo lo contristador. A felicidade alheia perturba-lhe a serenidade do semblante, arranca-lhe a paz do coração, e o traz desassocegado nas insomnias da noite.

«Mal tateando as escabrosidades da vida, afflige-o a presença de quem se lhe antepõe na estrada, do mesmo modo que incommodava a Diogenes a sombra de Alexandre. Se é um homem antigo e eminente, com o qual o paralelo torna-se visivelmente impossivel,—acha que esse homem não pode dirigir a opinião, porque falta-lhe acção na adversidade e opportunidade na acção.

«Se é um outro que, reunindo essas boas qualidades, não offerece abiponto algum vulneravel,—logo acodem-lhe a imaginação as ruinas monumentaes de um edificio gigantesco. Se um terceiro apparece, e á sua vista, sobe alguns degrãos da fortuna arrimado no seu trabalho e no reconhecimento de seus patricios,—é isso devido á um ambição sem limites, tão grande como a Roma dos pagãos, que cahio sob o peso da desmesurada grandeza. Finalmente se um quarto surge-lhe na frente, e o encara com a firmeza de quem não lhe tem o fogo dos olhos, e não pretende cortar-lhe os vôs d'aguia,—é porque tornou-se a sombra negra de um personagem, por sua vez sombrio.

«E assim, o Dr. Coelho, desfazendo-se de todos quantos reputa seus emulos, paira—e'le só—sobranceiro ás regiões onde se formam os raios e as tempestades, e, vestal no meio de tanta impureza, não l'e atravessa o craneo a idéa de que cada um dos offendidos pode e tem o direito de dizer-lhe: *melice cura te ipsum*.

«Novo Rousseau, elle acredita que não é feito da mesma massa dos outros homens, e que não nasceu como elles. Bem se vê que é um visionario.

«Ora, intelligencia sem juizo, actividade sem ordem, illustração sem critério, nunca de-ran a ninguém o direito de manter-se na chefança de um partido devidamente arregimentado»

Ainda bem que não sou eu quem o julga assim, ainda bem que foi elle mesmo quem se encarregou de justificar o conceito que d'ele formulei o «Liberal Piahyense»!

E agora; se algum amigo ainda me vier observar que eu sou rigaroso para com este saltador da bõa fé de meus comprovincianos, eu lhe responderei como o Marechal Bugeaud á alguem que lhe fazia observações semelhantes. «Orat o que me importa a sua consciencia, se elle me assassina?—o que me importam as suas convicções politicas ou philosophicas, se elle não respeita a crença de meus Paes, nem acata a Religião de meu Paiz? B'illa consciencia na verdade!—melhor seria que elle não tivesse consciencia alguma. Falla-se de reconciliação: eu a desejo com os homens honestos de todos os partidos, e me alegro de reconhecer que taes homens existem de um e de outro lado. Mas com esse escamoteador de principios, sem fé e sem moral determinada e fixa, eu não quero mais tratar!

Que me importa que elle me ache *eiva nos miolos* ou me deseje tirar a cabeça de sobre os hombros?—(2)

Os amigos da verdade sempre se hão gloriado de serem detestados pelo sectarios da mentira; todos os discipulos de Christo sabem fazer consistir a sua alegria no soffimento das perseguições por amor da justiça.

Já disse mais do que poderia merecer de attenção esse homenzinho deslumbrado por aspirações descommunes, que poderiam apenas ser perdoadas á um grande homem: queira o publico aceitar esta demasia como uma deferencia de minha parte.

Ao Dr. Coelho Rodrigues en teria dito apenas, e ainda imitando Bugeaud em frente de uma turba que o insultava: as vossas affrontas são para mim uma grande honra, e eu as preferiria á qualquer ovação que de estimativa vossa podesse proceder. E' claro que um catholico, como eu, não pôde, não deve fraternisar com um hereje do vosso quilate; que um tolo, como eu, bem pôde rir-se das maravilhas de vossa erudição; que um Piahyense de meus sentimentos não pôde concorrer para a elevação de um outro, que forja algemas aos seus patricios; que um p'rrnte e um amigo, como eu, pôde deixar de sentir-se de um outro, que nunca soube retribuir finezas de coração, nem agradecer beneficios. E' bem justo que nos detestemos, pois que Deus e Patria, honra e gloria são para nós palavras que significam cousas pelas quaes palpitam os nossos corações de modo mui diverso.

Por ultimo, uua observação: Esteja certo o Sr. Dr. Coelho que nenhuma nympha Egeria ou demonio familiar me sopra aos ouvidos o que devo dizer relativamente a sua pessoa. Só conheço um demonio na provincia: é aquelle que ruga em torno dos partidos, procurando n'elles a quem devore.

Nenhum b'pede implume me serve de Espirito-Santo. Só conheço um capaz de conceber semelhante tolice: é aquelle q' revolve-se no lôdo dos vicios, procurando *empennar-se* com o fructo do suor e do trabalho alheio.

Tenho dito.

Oe.ris, 7 de Maio de 1883.

Dr. Manoel Rodrigues de Carvalho.

CRONICA SEMANAL

Festividade religiosa—Amanhã, 3 do corrente, haverá Missa cantada na Igreja do Amparo. Officiará o Rvm. Sr. conego Claro Mendes de Carvalho, pregando ao Evangelho o Rvm. conego Carlos Nonato da Silva.

Conego Carino—Acha-se entre nós este illustre Sacerdote Piahyense.

O conego Carino, obtendo licença do seu venerando Prelado, vai visitar sua Exm. familia, na villa de Vauca, nesta provincia. E' um Sacerdote digno de todos os respetos. Por seus estudos, excellentes precedentes, e serviços prestados a Igreja recommenda-se a S. Rvm. a estima publica, e veneração dos homens, que sabem apreciar o merito.

Com prazer complementamos ao nosso distincto comprovinciano

Vigario Elizeu—Chegou, no dia 31 do passado o Revd. Padre Elizeu Vigario da freguesia do Corrente, deputado á assembléa provincial. Ao distincto sacerdote, os nossos respetos

(2) Eu supponho que com mais propriedade se pode chamar maluco o deputado, que votou na princeza imperial para presidente da camara temporaria. Esse, sim, não tem só *eiva* nos miolos, tem tambem o diabo nas tripas.

Theresina—Praça Saraiva—1883.